



**Universidade Federal da Bahia**  
**Instituto de Letras**  
**Departamento de Letras Vernáculas**

Rua Barão de Jeremoabo, 147, *Campus* Universitário – Ondina, Salvador, Bahia. CEP: 40170-290  
Telefone: (71) 3283-6209. Fax: (71) 3283-6208. E-mail: [letras@ufba.br](mailto:letras@ufba.br)

**Projeto de pesquisa:**

**O Tópico em Questão no Português Brasileiro**

**Por Edivalda Alves Araujo**

**Salvador**  
**Agosto/2009**

## 1. Introdução

Este projeto tem como objeto de estudo as construções de tópico, desde o século XIX até o século XX, fazendo uma retrospectiva com dados em atas escritas por afro-descendentes no século XIX, passando por dados do português afro-brasileiro do século XX até a realizações do português brasileiro urbano no século XXI.

Objetiva este trabalho, além de procurar estabelecer um contínuo nessas construções de tópico nos dados citados acima, discutir as prováveis mudanças sintáticas que ocorreram em tais construções e que promoveram as diferenças entre o português brasileiro e o português europeu, devendo, para tanto, considerar ou as interferências da língua de origem de outros povos, como os africanos e os indígenas, ou o processo de aprendizagem irregular e conseqüente inferências que foram feitas em relação à língua portuguesa, derivando construções que não são encontradas no português europeu, como, por exemplo, a do Tópico Sujeito.

A análise e discussão dos dados serão realizadas através dos aportes teóricos da sintaxe gerativa, principalmente relacionados à Teoria dos Princípios e Parâmetros e do *Merge* dos elementos na computação sintática. Faz parte também a relação da sintaxe com a estrutura da informação e como os elementos, em função desta última, podem sofrer reanálises ou mudanças, desencadeando, possivelmente, outras mudanças na estrutura sintática da língua. As contribuições da sociolinguística serão evocadas quando os fatos sociais provocarem interferências nas construções lingüísticas, embora não sejam o enfoque principal do projeto.

Para o desenvolvimento deste estudo, alguns *corpora* serão submetidos à análise: o conjunto de atas escritas por afro-descendentes no século XIX – *corpus* levantado por Klebson Oliveira (2003); e os dados (tanto rurais quanto urbanos) do Projeto Vertentes – coordenado pelo prof. Dante Lucchesi; os *corpora* do português europeu rural, levantados por João Saramago e Gabriela Vitorino.

Pretende este projeto contribuir para a discussão das diferenças sintáticas que compõem as duas vertentes do português: a europeia e a brasileira, acrescentando dados de outras línguas que fizeram parte da história desta última na tentativa de serem encontradas as origens de tais diferenças.

## 2. Antecedentes e justificativa

A publicação do trabalho de Eunice Pontes (1986; 1987) desencadeou discussões em torno da constituição sintática do português brasileiro, uma vez que, na década de 80, seguindo a proposta de Li e Thompson (1979), a autora afirmou estar esta língua se definindo com proeminência de sujeito e de tópico face às seguintes construções por ela encontradas na realização do português urbano falado na área de Minas:

- (1) A Sarinha está nascendo dentes.
- (2) Esse relógio estragou o ponteiro.

Ao analisar as construções acima, Pontes (1986) declara que *a Sarinha*, em (1), e *esse relógio*, em (2), foram deslocados de uma posição interna da oração, adjunto adnominal, e assumiram a posição de sujeito, enquanto os argumentos selecionados pelos verbos, e que deveriam funcionar como sujeito no nível da superfície, *dentes*, em (1), e *o ponteiro*, em (2), além de estarem pospostos, ficaram impossibilitados de desencadear concordância com o verbo. Para

mostrar essa impossibilidade, a autora argumenta que a concordância desses argumentos com o verbo tornaria a frase agramatical, como se pode ver em (3):

(3) \*A Sarinha estão nascendo dentes.

Ou seja, a prova de que *a Sarinha* está na posição de sujeito e desencadeando concordância com o verbo pode ser verificada pelo fato de a concordância com o presumível sujeito (argumento do verbo – *dentes*) ser bloqueada; o que implica que *a Sarinha* e *dentes* estão concorrendo para a mesma posição.

Outros trabalhos foram desenvolvidos na tentativa de explicar as construções de tópico no português brasileiro e sua tendência em ser língua mais direcionada ao discurso do que à sintaxe (diferentemente do português europeu), como os trabalhos desenvolvidos por Kato (1989) e Galves (1998, 2001), entre outros.

Kato (1989) observa que as línguas de proeminência de sujeito estabelecem a predicação principal da sentença através da relação sujeito/predicado. Nas de proeminência de tópico, por outro lado, a predicação se dá através da relação entre um constituinte tópico e uma sentença (comentário). As predicações com tópico podem ter ou não um elemento a ele co-referente dentro da sentença comentário. O fato de o português brasileiro permitir a ocorrência de objetos nulos possibilita a existência de construções com tópico em que o co-referente aparece nulo, como em (4a).

- (4) a. Os alunos, encontrei na saída da escola. (PB/\*PE)  
b. Os alunos, encontrei-os na saída da escola. (#PB/PE)

Galves (1998a), nessa mesma perspectiva, argumenta que o português brasileiro exibe características de línguas orientadas para o tópico porque não tem as mesmas propriedades que as línguas orientadas para o sujeito. Nestas, quando um constituinte é deslocado à esquerda, aparecem marcas que evidenciam a não correspondência entre a estrutura sintática e a estrutura argumental, como, por exemplo: no caso das orações ergativas, que são realizadas ou na voz passiva ou na voz média (cf. 5b, abaixo); ou no caso da topicalização, cuja marca pode ser um pronome resumptivo clítico (cf 4b, acima). Nas línguas orientadas para o tópico, essas marcas não são necessárias. Como pode ser visto em (4a) e em (5a), comparando-se o português europeu, com proeminência de sujeito, e o português brasileiro, com proeminência de tópico:

- (5) a. O vaso partiu. (PB/\*PE)<sup>1</sup>  
b. O vaso partiu-se (#PB/PE)

Em (5a), a frase é gramatical no português brasileiro apesar de não ter a marca formal das construções ergativas, o *se*. Tal frase não é gramatical no português europeu, uma vez que neste a presença do *se* é obrigatória, como se pode observar, comparando-se (5a) com (5b).

Construções, como as presentes em (1), (2), (4a) e (5a), têm suscitado atenção dos lingüistas brasileiros na tentativa de se identificarem os procedimentos sintáticos utilizados pelos falantes quando constroem frases desse tipo.

Algumas pesquisas foram realizadas procurando-se encontrar uma provável origem dessas construções, numa abordagem diacrônica, como a de Decat (1989) e a de Araújo (2006), esta última precisamente através da comparação entre o português brasileiro e o português europeu, nos séculos XVIII e XIX.

---

<sup>1</sup> PB – abreviatura para português brasileiro. PE – abreviatura para português europeu.

Não se têm encontrado, entretanto, registros escritos desse tipo de construção em cartas pessoais, jornais, peças de teatro ou romances até o século XIX e início do século XX, o que tem levado alguns autores a sugerirem que tais construções sejam recentes no português brasileiro<sup>2</sup>. Pode haver duas explicações para este fato: a) elas não existiam antes desse período, e, por isso, não chegaram aos registros escritos menos formais; ou b) elas existiam e não eram conhecidas, mas, em função das transformações e fatos sociais<sup>3</sup> que ocorreram no final do século XIX, como, por exemplo, a abolição da escravatura, podem ter se tornado mais frequentes e visíveis nos espaços sociais, embora distantes da escrita.

É digno de nota, todavia, que as pesquisas até então realizadas tomaram como parâmetro o português europeu, origem do português brasileiro, não atentando para outras interferências lingüísticas que este pode ter recebido na área da sintaxe, como a africana ou a indígena<sup>4</sup>. Em relação à provável influência africana, destacam-se os estudos de Lucchesi que vêm tentando mostrar que a contribuição africana teve um papel decisivo para o estabelecimento de duas normas antagônicas e, ao mesmo tempo, em movimento de convergência, produzindo uma realidade lingüística heterogênea, plural e polarizada no português brasileiro (cf. LUCCHESI, 1994).

Na verdade, trata-se de se considerar o contato lingüístico que o português, em solo brasileiro, manteve com outras línguas, como as de base africana e as de base indígena, que, devido ao um processo de crioulização prévia e leve (cf. LUCCHESI, 2001), podem ter interferido nas construções sintáticas da língua portuguesa.

Outras pesquisas em torno do assunto continuam a ser feitas com o objetivo de caracterizar as construções de tópico do português brasileiro que se diferenciam das construções do português europeu, e muitos resultados têm demonstrado que essas construções diferentes estão relacionadas a outras mudanças sintáticas no português brasileiro, como a perda dos clíticos acusativos, o enfraquecimento da flexão verbal, com conseqüente enrijecimento da ordem dos constituintes, perda da construção VS<sup>5</sup> e tendência ao preenchimento do sujeito, pelo menos foi o que observaram Tarallo (1989), Kato e Tarallo (1993), Kato (1989, 1998a), Galves (1996, 1998a, 1998b, 2001), Berlinck (1989), Decat (1989), Duarte (1996), entre outros.

Face a essa discussão em torno das construções de tópico e de sua relação com outros aspectos da sintaxe que se apresentam no português brasileiro, o presente trabalho se justifica para tentar analisar as construções de tópico, numa perspectiva sintática, considerando as prováveis interferências de outras bases lingüísticas – africana e/ou indígena -, ou em função da aprendizagem irregular da língua portuguesa porque passaram esses povos ou em função da interferência dos parâmetros da primeira no processo de aprendizagem dos parâmetros da

---

<sup>2</sup> Mesmo que tenha havido construções desse tipo nos períodos citados, elas não chegaram aos registros escritos de conhecimento dos pesquisadores até o momento.

<sup>3</sup> Mais participação dos negros nos espaços sociais, principalmente com o início da industrialização do Brasil (início do século XX), quando houve deslocamento de contingentes da população rural para as cidades grandes, o que implicou maior contato entre brancos e negros, e, obviamente, com a língua portuguesa “afro-descendente”, tornando suas construções visíveis nos espaços urbanos. Reflexões sobre esses fatos históricos e lingüísticos deverão ser feitas no desenvolvimento das atividades do projeto.

<sup>4</sup> Quanto à influência indígena, embora existam estudos na área para a descrição dessas línguas, ainda não foi evidenciado o tipo de influência no português brasileiro. Há, entretanto, uma hipótese de que os povos indígenas brasileiros têm a sua origem na Ásia, o que talvez justifique a semelhança entre essas línguas e as japonesas, e, por influência indígena, o português brasileiro teria algumas construções de tópico que se assemelhariam às japonesas. A semelhança entre o português brasileiro e o japonês já foi atestada por Kato (1989). Desse modo, pode ser que exista uma possibilidade de as construções de tópico do português brasileiro em que o tópico concorda com o verbo terem sido originadas na língua indígena. São suposições levantadas pela Profa. Dra. Mary Kato, da USP, em comunicação oral.

<sup>5</sup> Inversão Verbo-Sujeito

segunda. Um ou outro fato devem ser amplamente discutidos e demonstrados no desenvolvimento deste projeto de pesquisa.

Desse modo, há fatos que precisam ser discutidos em relação às construções de tópico, como:

- i) se houve ou quanto houve de interferência dos parâmetros da Língua 1 – africana ou indígena - no contato com a Língua 2 – o português;
- ii) se houve reanálise das construções sintáticas no português brasileiro em relação ao padrão europeu;
- iii) as diferenças entre o português brasileiro e o português europeu, envolvendo tanto registros escritos quanto orais;
- iv) a proposta sintática que pode melhor nortear a análise dos dados no que se refere às diferenças entre o português europeu e brasileiro;
- v) se houve efetivamente mudança do português europeu para o português brasileiro em relação e que tipo de mudança: a proposta de Lightfoot (1991) – troca de parâmetros na troca de gerações; a proposta de Kroch (2003) – abrupta a partir do contato de gramáticas; ou a de Roberts (2007) – correspondência de parâmetros entre línguas;
- vi) se a mudança for identificada, que processos sintáticos concorreram para a sua efetivação no português brasileiro, tornando-o diferente do português europeu.

Para a consecução deste trabalho de pesquisa, seguem os objetivos.

### **3. Objetivos**

#### **3.1 geral**

- Apresentar uma descrição sintática das construções de tópico que ocorrem nas modalidades escritas e orais, envolvendo fatos diacrônicos e sincrônicos do português, nas vertentes européia e brasileira, considerando as prováveis interferências lingüísticas sofridas por esta língua.

#### **3.2 específicos**

- Comparar os dados de realização dos tópicos em suas diferentes modalidades de realização, quais sejam: atas escritas por africanos e por afro-descendentes do século XIX e registros orais do português afro-rural, procurando estabelecer um provável contínuo entre essas realizações.
- Analisar os registros orais do português europeu rural com os do português afro-rural brasileiro para verificar os fatos lingüísticos que os aproximam ou os distanciam em relação às construções de tópico.
- Comparar dados das construções de tópico do português urbano oral do início do século XX<sup>6</sup> com os do início do século XXI<sup>7</sup> para serem identificadas em que se aproximam ou se distanciam tanto entre eles quanto em relação aos dados orais do português afro-rural.

---

<sup>6</sup> Dados do Projeto NURC

<sup>7</sup> Dados do Projeto Vertente

- Avaliar a valência das descrições sintáticas teóricas acerca das construções de tópico para o português brasileiro e, se necessário, propor uma descrição para os fatos encontrados.

## 4. Fundamentação teórica

### 4.1 Tópico e sintaxe

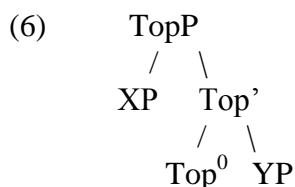
Por fazer parte da estrutura da informação, o tópico não era considerado como um elemento que pertencesse diretamente à sintaxe, uma vez que não há a função sintática de tópico; diferente, por exemplo, da função sintática sujeito ou objeto. Os estudos sintáticos gerativistas, especificamente a área da cartografia, começaram a inserir o tópico na sintaxe, ou melhor, na interface sintaxe / discurso. É o que propõe Rizzi (1997), seguido depois por Belletti (1999, 2002, 2003) e Benincà (2004).

Rizzi (1997) propõe que o CP deve ser aberto em camadas que possam receber as projeções funcionais que são movidas para a periferia à esquerda, envolvendo dois sistemas:

- (i) o de **FORÇA**, mais alto na estrutura, para fora, que tem como funções: a) fazer a interface entre um conteúdo proposicional expresso pelo IP e o discurso; e b) indicar o tipo da oração ou a especificação de sua força: se uma interrogativa, uma declarativa, uma exclamativa, etc; e
- (ii) o de **FINITUDE**, mais baixo na estrutura, para dentro, que se relaciona ao conteúdo do IP nele encaixado, refletindo as propriedades do sistema verbal da oração, formalizadas, por exemplo, pelas regras de concordância entre C e I, responsáveis pela co-ocorrência de *that* (que) e um verbo finito, de *for* (para) e um infinitivo em inglês, etc.

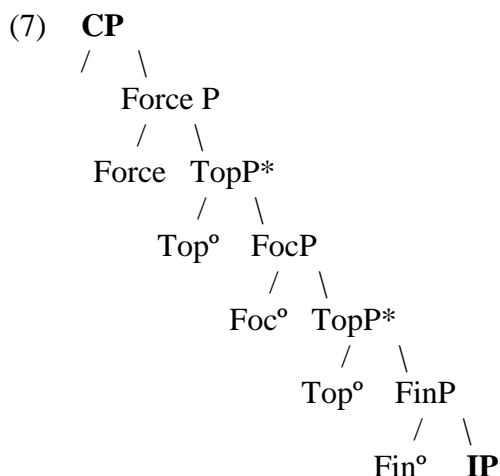
O autor considera que, para o espaço entre Força e Finitude, sejam movidos os elementos que são independentes de restrições seletivas, como o tópico e o foco, ambos considerados projeções funcionais. Para ele, as construções de tópico envolvem movimento de último recurso para a periferia à esquerda para a satisfação de requerimentos, no caso do sistema A', de traços relacionados a critérios.

O sistema C pode ter outras funções independentes de restrições seletivas, como a articulação tópico/comentário e foco/pressuposição, que tipicamente envolve a periferia à esquerda. Essas duas articulações, para Rizzi (1997, p. 286-7), devem ser expressas pelo esquema X-barra, tendo o tópico-comentário a seguinte representação:



O núcleo  $\text{Top}^0$ , por ser funcional, pertencente ao sistema do complementizador, projeta seu próprio esquema X-barra com a seguinte interpretação funcional: seu especificador (XP) é o tópico, seu complemento (YP) é o comentário.  $\text{Top}^0$  define um tipo de “predicação mais alta”, uma predicação dentro do sistema de Comp.

Rizzi (1997) admite, entretanto, que o sistema tópico-foco, apesar de integrado ao sistema de Força-Finitude, diferencia-se deste porque este é parte essencial do sistema C, devendo estar presente em todas as estruturas oracionais; enquanto aquele só estará presente no sistema C se for “necessário”, i.e, quando um constituinte detém traços de tópico ou foco para ser sancionado por um critério Spec-núcleo. Se o campo do tópico-foco for ativado, ele será inevitavelmente “ensanduichado” entre Força e Finitude, de modo a encontrar os diferentes requerimentos seletivos e apropriadamente se inserir no sistema C, como representado abaixo:



Raposo e Uriagereka (2005), diferente de Rizzi (1997), defendem que existe uma projeção funcional entre CP e IP – a FP – que estabelece a interface da sintaxe com o discurso. Para essa projeção, são movidos os elementos que têm importe discursivo, como os operadores afetivos, e elementos que codificam a polaridade de uma proposição, como os advérbios aspectuais *já*, *ainda*, *também*, o morfema negativo *não* e outras expressões negativas, assim como expressões enfáticas e de perguntas. Mas além desses operadores afetivos, essa categoria também pode receber outros elementos como o tópico, elemento ligado ao discurso porque estabelece um cenário para o que vai ser dito. Não fica claro, entretanto, nessa proposta qual o lugar do tópico, uma vez que, sendo FP uma única projeção, o foco concorre com o tópico para a mesma projeção.

O reconhecimento da interface da sintaxe com o discurso ganhou força quando Chomsky (2001), ao discutir a diferença entre *Merge* externo e *Merge* interno, propõe que este último deve ser motivado por condições não theta-teóricas, como *scopal and discourse-related (informational) properties*<sup>8</sup> (p. 10) e admite que tanto as propriedades relacionadas ao discurso quanto a noção de escopo fazem parte da gramática:

Scope has the familiar “long-distance” property: scope of wh-, for example, can be well outside its phase. Given PIC, it follows that internal Merge (movement) must be successive cyclic, passing through the edge of successive phase. The same is true of discourse-related properties<sup>9</sup> (grifos nossos). (CHOMSKY, 2001, p. 10)

<sup>8</sup> Tradução: Escopo e propriedades relacionadas ao discurso (informativas)

<sup>9</sup> Tradução: O escopo tem a propriedade familiar de “longa distância”: escopo de wh-, por exemplo, pode também estar fora de sua fase. Dado PIC, segue-se que o Merge interno (movimento) deve ser sucessivo cíclico, passando pela margem da fase sucessiva. O mesmo é verdadeiro das propriedades relacionadas ao discurso.

Indo além, Chomsky (2001) sugere a existência de um traço OCC<sup>10</sup> no núcleo  $\alpha$  que deve estar disponível somente quando necessário, ou seja, quando faz alguma contribuição ou para a semântica ou para o discurso: *H<sup>11</sup> has OCC only if that yields new scopal or discourse-related properties<sup>12</sup>* (p.10).

A partir da proposta de Chomsky (2001), Rizzi (2004) passa a admitir a existência de dois tipos de traço: os selecionais e os criteriais. Os primeiros seriam relacionados ao *merge* externo, ou aos requerimentos sintáticos imediatos; e os segundos, relacionados ao *merge* interno, ou ao atendimento dos requerimentos discursivos, depois de atendidos os sintáticos. Desse modo, o constituinte movido para a posição de tópico é marcado por um traço, o que explica o seu movimento para satisfazer requerimentos da interface: ou da sintaxe com a morfologia ou da sintaxe com a semântica.

Há duas evidências de que os constituintes portam traços com propriedades discursivas: 1. há línguas que marcam morfologicamente os DPs que têm a função de tópico na oração, como o japonês (cf. KATO, 1989), algumas línguas maias (cf. AISSSEN, 1992) e o oromo (cf. CLAMONS et al, 1999); e 2. as diferentes posições que um constituinte com a mesma função sintática pode ocupar na oração. É o que pode ser visto no exemplo em (8) com o sintagma [casa]. A depender da configuração na frase, esse constituinte pode satisfazer as seguintes propriedades: a argumental – “tema do verbo *comprar*” –, em (8a), e as de escopo/discursivas – interrogativa, tópico, foco, como em (8b-d):

- (8) a. João comprou a casa.  
b. Que casa João comprou? (interrogativa)  
c. A casa, João a comprou. (tópico)  
d. A CASA João comprou, não o carro. (foco)

Analisando-se (8), podemos perceber que o movimento é um dispositivo para alcançar a dualidade de interpretações: a do papel temático e depois a de escopo/discursiva. Ou seja: primeiro os elementos são conectados em sua posição-A, depois são movidos para uma posição-A' para atender aos requerimentos interpretativos/discursivos, ou como prefere Rizzi (2004), para atender aos requerimentos criteriais. Desse modo, as expressões lingüísticas podem receber ambos os tipos de propriedades interpretativas movendo-se de posições destinadas a propriedades do primeiro tipo (argumentais) para posições destinadas a propriedades do segundo tipo (discursivas). Rizzi (2004), entretanto, considera que o movimento de uma posição para outra é uma operação de último recurso.

Considerando-se que toda produção lingüística natural acontece em um contexto, não é difícil imaginar que os elementos lingüísticos em toda e qualquer frase devam satisfazer as propriedades relacionadas ao discurso, que são informacionais.

## 4.2 Sintaxe e estrutura da informação

O modo que o falante/escritor escolhe para transmitir as informações, se pressupostas (dadas, acessíveis) ou asseridas (novas, não acessíveis), reflete-se diretamente na estrutura da sentença: o que é pressuposto ou de conhecimento partilhado tende a ser colocado à esquerda, no início da oração, e o que é novo, geralmente, no final da oração, a depender da configuração da língua. O elemento da esquerda que tem essa função de recuperar ou ativar

---

<sup>10</sup> OCC é citado por Chomsky (2001, p. 10) pela primeira vez no texto *Beyond Explanatory Adequacy*. Para o autor, OCC significa “*I must be na occurrence of some  $\beta$* ” (Trad. = I deve ser uma ocorrência de algum  $\beta$ ).

<sup>11</sup> *H* representa núcleo: em inglês *head*.

<sup>12</sup> Tradução: H tem OCC somente se isso produzir novas propriedades relacionadas ao escopo ou ao discurso.



um conhecimento partilhado é o tópico. E o elemento que tem a função de introduzir uma informação nova é o foco.

Apesar de a organização dos elementos lingüísticos na sentença refletir a construção da estrutura da informação, essa organização depende da escolha de cada língua, não sendo, portanto, uma propriedade definida pela Gramática Universal, embora esteja a ela subordinada. Desse modo, qualquer que seja o contexto de produção de uma seqüência lingüística, esta seqüência só é produzida porque é permitida pela estrutura gramatical de uma língua; é ela que disponibiliza os meios para se construírem as seqüências lingüísticas adequadas a uma situação. Por isso alguns autores defendem que a estrutura sintática é autônoma em relação ao discurso, embora as construções das seqüências lingüísticas sejam motivadas (ou ativadas) por ele (cf. van DIJK; KINTSCH, 1983).

A relação entre o componente sintático e a estrutura da informação foi observada por outros autores tomando como identificação: a) a marcação morfológica: Aissen (1992), em relação às línguas maias, como *tzotzil* e *tzu'tujil*<sup>13</sup>, e Clamons et al (1999), em relação ao oromo; e b) a ordem dos constituintes: Kiss (1981), em relação ao húngaro, e Costa (2000), em relação ao português europeu.

Em relação ao português brasileiro, além dos trabalhos citados no item 2, há um trabalho que demonstra a relação entre a estrutura da informação e a sintaxe – é o de Britto (1998). Para a autora, a diferença entre as frases em (9)-(10) pode ser imputada não só à sintaxe mas também à estrutura da informação:

- (9) A: O que aconteceu?  
B': A Joana telefonou (PB)  
B'': Telefonou a Joana (PE)

- (10) A: O que a Joana fez?  
B': A Joana, ela telefonou (PB)  
B'': A Joana telefonou (PE)

Britto (1998) considera que uma das diferenças entre o português brasileiro e o europeu se reflete em frases como as apresentadas em (9) e (10). Quando o sujeito reflete uma informação nova, como em (9 B' e B''), as duas variedades da língua colocam o sujeito em posições diferentes: pré-verbal (sem a retomada pronominal) no português brasileiro e pós-verbal no português europeu. Não é o que acontece quando o sujeito expressa uma informação dada, como em (10): no português brasileiro, o sujeito está pré-verbal, mas com retomada pronominal, e no português europeu, está pré-verbal. Ou seja, em (9), os sujeitos podem ser considerados como focos; enquanto, em (10), são tópicos. O português europeu faz amplo uso do sujeito nulo, com o sujeito na posição de tópico seguido por um *pro* referencial na posição de sujeito; no português brasileiro, entretanto, *pro* tem sido substituído por pronomes fracos lexicalizados (cf. GALVES, 1998; 2001).<sup>14</sup>

A relação entre a estrutura da informação e da sintaxe, como o provam os trabalhos citados acima, estabelece-se dentro dos estudos lingüísticos, provocando, por vezes, diferenças sintáticas entre línguas ou entre variedades de uma língua, como ocorre com o português brasileiro e o português europeu.

---

<sup>13</sup> Não encontramos tradução para *tzotzil* e *tzu'tujil*. Mantivemos, por isso, as designações dessas línguas citadas pela autora em inglês.

<sup>14</sup> A autora considera Joana em (44B-PE) a realização do tópico seguido de *pro*. A estrutura seria igual ao do português brasileiro, com a diferença de que, neste, ao invés de *pro*, tem-se um pronome realizado.

### 4.3 O lugar do tópico na estrutura sintática do português brasileiro

Em relação à posição sintática do tópico no português, principalmente nas estruturas em que se podem evidenciar dois elementos coindexados, Kato (1998) defende que o tópico da CLLD ou da LD resulta de movimento de um DP definido a partir de uma predicação secundária interna à oração<sup>15</sup>, semelhante a uma mini-oração, cujo sujeito pode ser um pronome resumptivo forte, um clítico ou uma categoria vazia. A sua proposta pode ser melhor entendida nos exemplos abaixo:

#### Com pronome forte:

- (11) a. Eu acho que [ele<sub>i</sub> **o menorzinho**<sub>i</sub>] é tímido  
b. Eu acho que **o menorzinho**<sub>i</sub> [ele<sub>i</sub> t<sub>i</sub>] é tímido  
c. **O menorzinho**<sub>i</sub>, eu acho que t<sub>i</sub> [ele<sub>i</sub> t<sub>i</sub>] é tímido

#### Com clítico:

- (12) a. Eu acho que a Maria vai trazer [lo<sub>i</sub> *o menorzinho*<sub>i</sub>] hoje  
b. Eu acho que **o menorzinho**<sub>i</sub> a Maria vai trazê-lo<sub>i</sub> hoje  
c. **O menorzinho**<sub>i</sub> eu acho que a Maria vai trazê-lo<sub>i</sub> hoje.

#### Com categoria vazia:

- (13) a. Eu acho que a Maria vai trazer [ø<sub>i</sub> *o menorzinho*<sub>i</sub>] hoje  
b. Eu acho que **o menorzinho**<sub>i</sub> a Maria vai trazer ø<sub>i</sub> hoje  
c. **O menorzinho**<sub>i</sub> eu acho que a Maria vai trazer ø<sub>i</sub> hoje.

(KATO, 1998a, p. 69-70 (8) e (10)-(11))

Nesses exemplos, pode-se observar que o constituinte o menorzinho é gerado no interior da oração, em um DP, dentro do qual funciona como predicado. Esse predicado, por sua vez, pode ter como argumento um pronome forte, em (11), um clítico, em (12), ou uma categoria vazia, em (13), com o qual é coindexado<sup>16</sup>.

De acordo com essa perspectiva, o DP é movido de dentro desse predicado secundário, um DP grande<sup>17</sup>, para uma posição de tópico, porque, dadas as restrições de definitude do DP do qual faz parte, tem um traço que precisa ser verificado por um núcleo, o traço (+referencial). O lugar de verificação desse tópico, ou o seu lugar de pouso, é o ΣP<sup>18</sup>, uma categoria funcional, dominada por CP, que recebe os elementos que têm traços relacionados ao discurso, como o [+R], por exemplo. No caso de sujeito tópico *in situ*, o movimento para ΣP é encoberto, uma vez que o sujeito é gerado à esquerda.

Galves (1998), ao contrário de Kato (1998), acredita que a posição de chegada do tópico (também gerado por movimento) seja interna ao IP. Segundo a autora, o IP, que é ao mesmo tempo uma projeção de Tempo e de V, também pode ser interpretado como um domínio

<sup>15</sup> Essa predicação secundária, de acordo com Kato (1998a), é do tipo equativa porque permite a inversão.

<sup>16</sup> É preciso esclarecer que o tópico, nessa posição interna ao DP, é coindexado, e não ligado ao argumento desse DP. Se fosse ligado a esse argumento, haveria violação do Princípio C da Teoria da Ligação, uma vez que, em seu movimento, o tópico, uma expressão referencial, estaria passando por um pronome com o qual seria ligado.

<sup>17</sup> Terminologia sugerida por Belletti (2003). Para Kato (1998a), é uma mini-oração.

<sup>18</sup> Ao indicar ΣP, uma categoria funcional acima de IP e dominada pelo CP, como o lugar de pouso do tópico, Kato (1998a) diz estar seguindo a proposta de Martins (1994), para quem ΣP é a posição para onde vai o sujeito referencial do português.

sentencial saturado. Em conseqüência, ele deve comportar uma posição de especificador preenchida por um NP referencial. Para que esse NP seja legitimado como sujeito, seu predicado sentencial deve conter uma variável pronominal apropriadamente identificada. É o que pode ser visto nas sentenças de topicalização no português brasileiro:

- (14) [IP O João<sub>i</sub> [I'/VP<sub>i</sub> [Tempo [ VP ele<sub>i</sub> não entende nada]]]]  
 (15) [IP O Cláudio<sub>i</sub> [I'/VP<sub>i</sub> [Tempo [VP o fim de semana dele<sub>i</sub> começa na 5<sup>a</sup>]]]]  
 (16) [IP A Maria<sub>j</sub> [I'/VP<sub>i</sub> pro<sub>i</sub> [I'/VP<sub>i</sub> Tempo [VP<sub>i</sub> encontr<sub>i</sub>-ei<sub>i</sub> e<sub>j</sub> na feira]]]]

Galves (1998) defende que o tópico no português brasileiro está em adjunção a IP, como pode ser visto nos exemplos (14)-(16). O IP, de acordo com essa análise, pode ter duas posições de especificador – uma ocupada pelo Spec de V, ligando o objeto; e outra ocupada pelo sujeito do domínio interno, no Spec de IP. A explicação para essa posição em IP ser ocupada está relacionada à hipótese da ausência de traço-V em Pessoa aliada à hipótese do movimento curto do verbo e à fraqueza morfológica verbal no que diz respeito a Pessoa, ligada à ausência da distinção morfológica entre segunda e terceira pessoa, no português brasileiro. Desse modo, a explicação para os tópicos entrarem em IP se encontra nesta caracterização de Pessoa, como pode ser melhor visto no exemplo abaixo:

- (17) [PersP Essa competência [PersP Φ<sub>i</sub> [ TP ela<sub>i</sub> é de natureza mental]]]

Em (17), os traços do pronome *ela* moveram-se para checar os traços-phi de Pessoa. O NP *Essa competência* está adjungido à projeção de Pessoa. Essa análise implica que, mesmo quando não há pronome lexical, a checagem dos traços de Pessoa implica que haja um pronome nulo em posição sujeito, como representado em (18):

- (18) [PersP DP [PersP Φ<sub>i</sub> [TP pro<sub>i</sub> ...]]]

Em relação à análise das construções de tópico no português brasileiro, é preciso decidir qual a melhor proposta sintática para a análise dos dados que serão coletados neste projeto de pesquisa, considerando não só os parâmetros da sintaxe do português europeu, mas também a concorrência de outros parâmetros ou criação de novos dentro do português brasileiro. Esses fatos sintáticos precisam de mais discussões.

#### 4.4 As construções de tópico no português brasileiro

As diferenças apontadas por Pontes (1986), Kato (1989) e Galves (1998), como foi apresentado no item 2 acima, no que se refere ao tópico na posição de sujeito – ou seja, o Tópico Sujeito, conforme designação de Galves (1998) – e ao tópico objeto sem a retomada pronominal<sup>19</sup> promovem, dentre outras, a distância sintática entre o português europeu e o português brasileiro.

Tais construções, embora não tenham sido encontradas no rastreamento histórico do português em registros escritos, foram detectadas por Araujo (2009a) em realizações orais no português afro-brasileiro no *corpus* do Projeto Vertentes<sup>20</sup>, na fala de pessoas com 103 e 107 anos. Tal fato pode indicar resquício de uma gramática falada no início do século XX ou final do século XIX, considerando o período de aquisição da linguagem dessas pessoas. Além disso, esses dados podem ser: ou i) uma indicação de uma provável interferência de línguas

<sup>19</sup> Cf. discutido por Raposo (2006) e Araujo (2009).

<sup>20</sup> Projeto coordenado pelo prof. Dr. Dante Lucchesi, da UFBA.

africanas no português do Brasil – parâmetros da Língua 1 foram introduzidos nos parâmetros da Língua 2; ou ii) o processo de aprendizagem irregular e tosca da língua portuguesa pode ter obscurecido alguns traços sintáticos para os não-falantes da língua, que, porventura, podem ter “distorcido” as suas características sintáticas, se chegaram em solo brasileiro na idade adulta.

Em favor da primeira hipótese, há os dados de algumas línguas da família *bantu*. Nelas, é possível que o elemento deslocado à esquerda seja considerado sujeito, sofrendo marcação morfológica para tal. É o que mostra Bearth (2006) ao analisar sintaticamente as seguintes línguas: suaili, chaga, xhosa, ruanda e chewa. Essas línguas apresentam ordem canônica de SVO (sujeito-verbo-objeto) e permitem a inversão de qualquer elemento interno à oração com deslocamento para o início da frase, tornando-o o sujeito da oração. É o que pode ser visto no exemplo abaixo, em chewa:

(19) *a#lendô-wo*                      *a-na#bwéra*                      *ku-mu#dzi*  
           cl12≠visitor-those      cl12-PAST≠come-FV      LOC(cl17)-cl3≠village  
           ‘Those visitors came to the village’

(20) *ku-mu#dzi*                      *ku-na#bwéra*                      *a#lendô-wo*  
           LOC(cl17)-cl3≠village      cl12-PAST≠come-FV      cl12≠visitor-those  
           ‘To the village came those visitors’

No exemplo em (12), é possível observar a concordância que é estabelecida entre o locativo e o verbo. Exatamente do mesmo modo que ocorre no português brasileiro, como foi visto no item 2, em que elementos de outras partes da oração são promovidos à posição de tópico, mas desencadeiam concordância com o verbo.

As línguas africanas que aqui chegaram podem ter apresentado as mesmas características citadas acima, e o africano, no processo de aprendizagem da língua portuguesa, tenha transferido o conhecimento gramatical de sua língua para esta, fazendo a reanálise gramatical da posição de sujeito, permitindo que elementos topicalizados possam aí ser inseridos e desencadear a concordância com o verbo.

Quanto à comprovação da segunda hipótese, Araujo (2009b), ao analisar atas escritas por africanos no século XIX, da Sociedade do Desvalidos<sup>21</sup>, demonstra que, ao lado de construções padronizadas pelo português da época, havia construções sintáticas que não eram aí permitidas (e ainda não são, de acordo com o padrão europeu), como em (13):

(21) epor Ø esta Comforme Ø mandou passar este pormim, em falta do Secretario (JO.11)

Observa-se aí a ocorrência de um tópico nulo, cuja referência está completamente no contexto e não em passagens prévias do texto. Esse tipo de construção, entretanto, não era licenciada no português da época, uma vez que a ocorrência do sujeito nulo aí permitida estava subordinada à sua prévia identificação no discurso, nos termos de Rizzi (1986).

O fato de se encontrarem nessas atas ora construções sintáticas que conformam o padrão do português da época ora construções que fogem a esse padrão pode ser indicativo da segunda hipótese da aprendizagem irregular acima delineada. Vale ressaltar, entretanto, que nenhuma das duas hipóteses (a da interferência dos parâmetros da L1 e a da aprendizagem irregular) podem ser confirmadas ou descartadas em função de não terem sido ainda atestadas ou analisadas sob os dados lingüísticos ou teorias que possam refutar ou fortalecer uma das

<sup>21</sup> *Corpus* levantado por Klebson Oliveira (2003), integra o conjunto de textos do PROHPOR – UFBA.

duas ou, possivelmente, as duas. Aliado a isso, existe outro fato: se forem encontradas, em agrupamentos indígenas, ocorrências lingüísticas iguais às dos agrupamentos afros, então existe uma forte possibilidade para a confirmação da segunda hipótese.

#### 4.5 Tópico e mudança sintática

Algumas construções de tópico elencadas aqui indicam a possibilidade de mudança do português brasileiro em relação ao português europeu. E se tais construções não são encontradas no português europeu, impõe-se a necessidade de se procurar a sua origem em outras bases lingüísticas ou na base africana, ou na base indígena, ou talvez em evidências do seu processo de aprendizagem irregular da língua.

A questão a ser discutida, então, inclui também a mudança linguística. Para Lightfoot (1991), a mudança ocorre de forma gradual, no processo de troca de geração. Ou seja, a produção linguística dos adultos é ouvida pelas crianças com “defeito” nos traços, o que provoca realização linguística diferente da geração anterior. Inicialmente, consideradas como efeitos estilísticos dentro da língua, essas construções, ao poucos, vão se tornando a única opção sintática a ser usada. Em outra perspectiva, Kroch (2003) acredita que a mudança é abrupta. Na competição, entre duas formas, uma delas (a mais recente) se torna incompatível com a outra (a anterior) e vence, mesmo que sejam com indivíduos da mesma geração. Tal competição pode ser provocada, dentre outros fatos, por contatos lingüísticos. Roberts (2007), por sua vez, considera que, para que uma língua permita a mudança em seus parâmetros, é necessário que a outra opção esteja inscrita na gramática dessa língua, faça parte de um conjunto de possibilidades e, dentre elas, uma é escolhida nesse processo de troca de gerações. Todas as perspectivas devem ser testadas na análise dos dados dos *corpora* para que se possa identificar qual delas é mais adequada para descrever o processo de mudança por que passou a língua portuguesa em solo brasileiro.

### 5. Metodologia

#### 5.1 Corpora

Para o desenvolvimento da presente pesquisa, foram estabelecidos os seguintes *corpora*:

- Atas escritas por afro-descendentes no século, da Sociedade do Desvalidos, levantadas por Klebson Oliveira (2003);
- Realizações orais do português afro-brasileiro e do português urbano, do Projeto Vertentes, coordenado pelo prof. Dr. Dante Lucchesi
- Realizações orais do português rural europeu, levantadas pelos professores João Saramago e Gabriela Vitorino.

#### 5.2 Análise linguística

A análise das construções de tópico nos *corpora* parte da caracterização do tópico como um sintagma nominal, definido, identificável, ativo e referencial, realizado por um nome ou pronome<sup>22</sup>, sendo uma informação partilhada pelos participantes da conversa. Seguindo essa

---

<sup>22</sup> Regido ou não por uma preposição

orientação, os tópicos detectados na análise se realizaram ou pela retomada da fala do documentador ou pela retomada de um elemento já citado anteriormente pelo informante, ou ainda por uma retomada por elemento cuja referência esteja completamente dentro do contexto, como no caso do tópico nulo.

## 6. Referências

AISSEN, Judith. Topic and Focus in Mayan. In: *Language*. Journal of the Linguistic Society of America. v. 68, n.1, 1992. p. 43-80

ARAUJO, Edivalda A. *As construções de tópico do português dos séculos XVIII e XIX: uma análise sintático-discursiva*. Tese de doutoramento. Salvador: UFBA/PPGL, 2006.

ARAUJO, Edivalda A. Construções de tópico. In: LUCCHESI, Dante; RIBEIRO, Ilza. *O português afro-brasileiro*. Salvador: EDUFBA, 2009a. p. 231-250.

ARAUJO, Edivalda A. Tópico. In: LOBO, Tânia; OLIVEIRA, Klebson. *África à vista*. Salvador: EDUFBA, 2009b. p. 50-59.

BEARTH, Thomas. Syntax. In: NURSE, Derek; PHILIPPSON, Gerard. *The bantu languages*. New York: Routledge, 2006. p.121-142.

BELLETTI, Adriana. "Inversion" as focalization and related questions. Disponível em: <[http://www.ciscl.unisi.it/doc/doc\\_pub/inv\\_foc\\_rev\\_catwpl.doc](http://www.ciscl.unisi.it/doc/doc_pub/inv_foc_rev_catwpl.doc)> 1999.

BELLETTI, Adriana. Aspects of the low IP area. Disponível em: [http://www.ciscl.unisi.it/doc/doc\\_pub/aspects\\_low\\_IP.doc](http://www.ciscl.unisi.it/doc/doc_pub/aspects_low_IP.doc)2002.

BELLETTI, Adriana. Extended doubling and the VP periphery. Disponível em: [http://www.ciscl.unisi.it/doc/doc\\_pub/belletti03-Extended\\_doubling\\_and\\_the\\_VP\\_periphery.doc](http://www.ciscl.unisi.it/doc/doc_pub/belletti03-Extended_doubling_and_the_VP_periphery.doc). 2003.

BENINCÀ, Paola. The left periphery of medieval romance. Disponível em: <<http://www.humnet.unipi.it/slifo/2004vol2/Beninca2004.pdf>>

BERLINCK, Rosane de A. A construção V SN no português do Brasil: uma visão diacrônica do fenômeno da ordem. In: TARALLO, F. (org.) *Fotografias sociolinguísticas*. Campinas, SP: Pontes: Editora da UNICAMP, 1989. p. 95-112.

BRITTO, Helena de Souza. *Deslocamento à esquerda, resumptivo-sujeito, ordem SV e a codificação sintática de juízos categórico e tético no português do Brasil*. Tese de Doutorado. Campinas, SP: UNICAMP/IEL, 1998.

CHOMSKY, Noam A. Beyond Explanatory Adequacy. In: *MIT Occasional Papers in Linguistics*. Cambridge, MA: MITWPL, n. 20, 2001.

CHOMSKY, Noam A. Minimalist inquiries: the framework. In: *MIT Occasional Papers in Linguistics*. Cambridge, MA: MITWPL, n. 15, 1998.

CLAMONS, Robbin; MULKERN, Ann E.; SANDERS, Gerald; STENSON, Nancy. The Limits of Formal Analysis: Pragmatic motivation in Oromo grammar. In: DARNELL, Michael *et alii* (eds.). *Functionalism and formalism in linguistics: case studies*. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins, v.II, 1999. p. 59-76.

COSTA, João. Word Order and Discourse-Configurationality in European Portuguese. In: COSTA, João (ed.) *Portuguese Syntax: new comparative studies*. New York: Oxford University Press, 2000. p. 94-115

DECAT, M. B. Nascimento. Construções de tópico em português: uma abordagem diacrônica à luz do encaixamento no sistema pronominal. In: TARALLO, F. (org.) *Fotografias sociolinguísticas*. Campinas, SP: Pontes: Editora da UNICAMP, 1989. p. 113-137.

DIJK, Teun A. van.; KINTSCH, Walter. *Strategies of discourse comprehension*. San Diego, California: Academic Press, 1983.

DUARTE, M. E. L. Do Pronome Nulo ao Pronome Pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil. In: KATO, M. A.; ROBERTS, Ian. (org.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. 2. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1996. p. 107-125.

GALVES, Charlotte M. C. O enfraquecimento da concordância no português brasileiro. In: KATO, M. A.; ROBERTS, Ian. (org.) *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1996. p. 387-408.

GALVES, Charlotte. Tópicos, sujeitos, pronomes e concordância no português brasileiro. In: *Cadernos de Estudos Linguísticos*. Campinas: Editora da UNICAMP, n.34, jan/jun. 1998. p. 19-31.

GALVES, Charlotte. *Ensaio sobre as gramáticas do português*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2001.

KATO, Mary A. Tópico e sujeito: duas categorias na sintaxe? In: *Cadernos de Estudos Linguísticos*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, n. 17, 1989.

KATO, Mary A. Tópicos como alçamento de predicados secundários. In: *Cadernos de estudos linguísticos*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, n. 34, jan./jul. 1998. p. 67-76.

KISS, Katalin É. Structural Relations in Hungarian, a “Free” Word Order Language. In: *Linguistic Inquiry*. Massachusetts Institute of Technology, v.12, n.2, 1981. p. 185-213.

KROCH, Anthony. Mudança sintática. Disponível em: [http://www.ime.usp.br/~tycho/participants/kroch/Mudanca\\_sintatica.pdf](http://www.ime.usp.br/~tycho/participants/kroch/Mudanca_sintatica.pdf) 2003.

LIGHTFOOD, D. *How to set parameters: arguments from language change*. Cambridge: Mass, 1991.

LUCCHESI, Dante. A questão da formação do português popular do Brasil: um estudo de caso. In: *A Cor das Letras*. (3). 2001. p.73-100.

LUCCHESI, Dante. Variação e norma: elementos para uma caracterização sociolinguística do português do Brasil. *Revista Internacional de Língua Portuguesa*, Lisboa, 12:17-28, 1994.

OLIVEIRA, Klebson. *Textos escritos por africanos e afro-descendentes na Bahia do século XIX: fontes do nosso latim vulgar?*. Dissertação de Mestrado. Inédita. Salvador: UFBA. Janeiro/2003

PONTES, Eunice S. L. *O tópico no português do Brasil*. Campinas, SP: Pontes, 1987.

PONTES, Eunice S. L. *Sujeito: da sintaxe ao discurso*. São Paulo: Ática, 1986.

RAPOSO, Eduardo; URIAGEREKA, Juan. Clitic Placement in Western Iberian: A Minimalist View. In: CINQUE, Guglielmo and KAYNE, Richard S. (org.) *The Oxford Handbook of Comparative Syntax*. New York: Oxford University Press, 2005, p. 639-697

RIZZI, Luigi. On the status of subject clitics in Romance. In: JAEGGLI, O.; SILVA-CORVALAN, C. (Orgs.). *Studies in Romance Linguistics*. Dordrecht: Foris, 1986. p. 391-419.

RIZZI, Luigi. The fine structure of the left periphery. In: HAEGEMAN, Liliane. (Org.) *Elements of grammar: handbook of generative syntax*. London: Kluwer Academic Publishers, 1997. p. 281-337.

RIZZI, Luigi. On the Form of Chains: Criterial Positions and ECP Effects. Disponível em : <<http://www.ciscl.unisi.it/doc/doc-pub/rizzi>> 2004.

ROBERTS, Ian. *Diachronic syntax*. Oxford: Oxford University Press, 2007.

TARALLO, Fernando (Org.). *Fotografias sociolingüísticas*. Campinas: Editora UNICAMP, 1989.

TARALLO, Fernando; KATO, M.A. *et alii*. Preenchimentos em Fronteiras de Constituintes. In: ILARI, R. (org.) *Gramática do português falado*. 2 ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1993. Vol.II. p.315-53.

TARALLO, Fernando. Sobre a alegada origem crioula no português brasileiro: mudanças sintáticas aleatórias. In: KATO, M. A.; ROBERTS, Ian. (org.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. 2. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1996. p.35-68.